

## A marcação de plural em sujeitos coletivos singulares nas comunidades quilombolas de Alcântara (MA)

Wania Miranda

**Resumo:** O presente artigo trata da marcação de plural em sujeitos coletivos singulares na fala de duas comunidades quilombolas de Alcântara, no Maranhão, a saber, Itamatatiua e Mamuna. Estudos que tratam sobre o tema afirmam que a marcação de verbos no plural com sujeitos coletivos singulares do tipo *a classe* ou *o povo* é inibida quando o sujeito está adjacente ao verbo. Dados do português, especialmente de comunidades quilombolas da Bahia e do Maranhão, por exemplo, revelam que esse tipo de marcação ocorre de modo frequente, não apresentando contextos de inibição. Há, inclusive, dados com sujeitos coletivos singulares que apresentam, além de verbos marcados no plural, determinantes também flexionados no plural.

**Palavras-chave:** comunidades quilombolas; sujeitos coletivos; marcação de plural.

155

### The plural mark of the singular collective nouns of quilombolas communities from Alcântara (MA)

**Abstract:** The aim of this article is the study of plural mark of the singular collective nouns of quilombolas communities Mamuna and Itamatatiua located in Alcântara (MA). Previously researches about this phenomenon claims that the marking of plural verbs with singular collective nouns (such as *the classroom* or *the people*) is inhibited when the verb is adjacent to the nouns. Data from Portuguese, especially from quilombolas communities in Bahia and Maranhão, for example, reveal that this type of marking occurs frequently, and does not present contexts of inhibition. There also data with singular collective nouns that present verbs marked in the plural and determinants also inflected in the plural.

**Key words:** Quilombolas communities; collective nouns; plural agreement

### Introdução

O presente artigo trata da marcação de plural de sujeitos coletivos em duas comunidades quilombolas de Alcântara, no Maranhão, a saber, Itamatatiua e Mamuna. Este estudo insere-se no âmbito das pesquisas que se debruçam sobre as comunidades quilombolas para entender o português brasileiro (PB), os quais entendem que muitos dos traços existentes hoje no PB são consequências do contato existente, no período colonial, entre o português europeu, as diversas línguas indígenas, aqui existentes, e as línguas africanas trazidas para o Brasil.



Partindo deste ponto, as comunidades de Alcântara apresentam-se especialmente interessantes, não só por seu certo isolamento em relação a São Luís, capital do estado, e ao restante do Maranhão, mas também por sua formação relativamente recente — entre os séculos XVIII e XIX —, estando a geração dos moradores atuais (Por que?) não muito distante daquela que formou esses povoados. Tendo em vista essas questões, acredita-se, salvaguardadas as devidas proporções, que algumas dessas comunidades podem ainda preservar, de modo mais manifesto, resquícios do contato responsável por alguns traços característicos do português brasileiro.

A cidade de Alcântara fica a 22km de faixa de mar da ilha de São Luís. Segundo dados do IBGE, em 2010, o município tinha uma população de 21.851 habitantes. Hoje, Alcântara é considerada patrimônio histórico-cultural, tombado em 1948 pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN).

O surgimento das comunidades negras rurais de Alcântara estabeleceu-se em grande parte das terras que foram abandonadas após o declínio econômico da região em 1865, e ficaram, ao longo de quase duzentos anos, sob a égide dos trabalhadores negros, dos escravizados fugidos, dos índios, e dos mestiços que lá permaneceram.

Hoje, são 155 comunidades quilombolas no município e a população residente nestas comunidades corresponde a 80% da população total de Alcântara. Pelos critérios da Fundação Palmares, Alcântara está dividida em três grandes territórios quilombolas: o território dos atingidos pela Base Espacial de Alcântara, a Ilha do Cajual e as Terras de Santa Teresa ou Itamatatiua.

A partir do início do século XIX, aumentam significativamente os registros administrativos sobre quilombos na região de Alcântara, cujas primeiras ocorrências datam desde o início do século XVIII. Há o registro de sucessivas ocorrências de quilombos entre 1837 e 1868 (Almeida, 2006).

Das duas comunidades estudadas, Itamatatiua é o principal povoado de uma rede de 42 comunidades que formam as chamadas terras de Santa



Teresa. Está localizado no município de Alcântara, ao norte do Maranhão, e dista 90km de São Luís, capital do estado, e a 70km da sede de Alcântara.

A formação desse grupo não surgiu da fuga de negros escravizados. Com a decadência econômica de Alcântara, a Ordem das Carmelitas, dona da propriedade desde 1754, não teve mais condições materiais, a partir de 1821, de manter o local, abandonando-o. Com a saída das Carmelitas, os grupos que ali viviam permaneceram, estabelecendo seus próprios meios de sobrevivência sem deixar de lado a tradição de produção de cerâmica (Pereira (2011); Cestari et al. (2014); Almeida (2006); Pereira Júnior (2012)).

Diversamente de Itamatatua, os estudos específicos sobre Mamuna, a segunda comunidade estudada pelo presente trabalho, são mais escassos — talvez até inexistentes. Em geral, os que existem são estudos a respeito do conflito com o Centro de Lançamento de Alcântara e tratam sempre das comunidades de Mamuna, Baracatua e Brito em conjunto, pois são as comunidades ameaçadas de deslocamento<sup>1</sup>.

No laudo antropológico de Alfredo Wagner (Almeida, 2006) consta que, àquela época, havia, em Mamuna, 215 habitantes e 56 famílias. Relatos de moradores da comunidade afirmam que são 71 famílias vivendo na comunidade atualmente.

## **A variação na concordância verbal**

Os dados de Mamuna e Itamatatua relacionados à marcação de sujeitos coletivos singulares, associada à variação na concordância verbal, trazem alguns fatos interessantes que diferem do esperado para esse tipo de ocorrência no português brasileiro e serão brevemente explorados neste artigo.

A variação na concordância verbal (CV), em especial na terceira pessoa, tratada por um grande número de trabalhos sobre o português brasileiro (PB) e o português europeu (PE), é atestada já em dados trecentistas do português (Mattos e Silva, 1991). Nesses dados, fatores como a distância entre o sujeito e

---

<sup>1</sup> Para mais detalhes sobre o conflito territorial entre as comunidades remanescentes de quilombos de Alcântara e a Base de Lançamento da Aeronáutica, ver Almeida (2006, 2006a); Pereira Júnior (2012), entre outros.



o verbo (1) e (2), posposição do sujeito (3) e (4), tipos de sujeito, e fatores semânticos como a interpretação plural (6) ou singular (5) do sujeito eram relevantes para a ocorrência dessa variação.

(1) A MALDADE dos que ficam no mundo MERECERON que aqueles que poderiam profeitar aos outros saian-se do mundo.

(2) Ca a homildade grande do HOMEN BÕÕ, que queria que os seus bõõs feitos sejam ascondudos, esto DEVEN a querer.

(3) Ei razon de me CRECEREN LAGRIMAS E DOOR E CHORO E AMARGURA.

(4) E pelas moradas dalgũũs que TANGIA A NEVOA E O FEDOR.

(5) O SABOR DO LUXURIOSO E O PRAZER HE vermen e fedor.

(6) A MANCEBIA E O DELEITO SON cousas vããs.

(MATTOS E SILVA, 1991, p. 95-96)

No que tange aos sujeitos coletivos, dados do português arcaico também revelam uma variação na marcação verbal (cf. dados de (7) a (11)), e a maior distância entre o sujeito e o verbo favoreceria a marcação deste último no plural, como é possível observar nos dados (8), (10) e (11):

(7) e desta medês dá testemunho todo o POBOO que enton ERA naquela cidade.

(8) Idolo a que O POBOO SANDEU de toda aquela terra FAZIAN honra come a Deus.

(9) GENTE dos lombardos que ERA mui cruevil USOU de toda sua crueza.

(10) Hũa mui gram rua em que morava muita GENTE que primeiramente ORARAN os idolos.

(11) E mandou que toda a outra GENTE QUE SOIA andar con el que FOSSEN com el e LEVASSEN boas vestiduras.

(MATTOS E SILVA, 1991, p. 96-97)

Este tipo de concordância — verbos flexionados no plural com sujeitos coletivos singulares — é encontrado também no latim, conforme exemplo de Tito Lívio (59 a.C. – 19 d.C.) retirado de Bourciez (1956: 104) em Silva (2005: 192):



(12) *Cetera multitudo frequenti agmine PETUNT Thessaliam*<sup>2</sup>.

Embora a ocorrência de verbos plurais com sujeitos coletivos singulares seja um fenômeno evidenciado em dados do português arcaico (Mattos e Silva, 1991; Souza, 2005, entre outros) e registrado também no latim, algumas gramáticas ainda apresentam este tipo de marcação como um desvio de norma, como hipercorreção, ou ainda como uma figura de linguagem permitida apenas em obras literárias (Cunha & Cintra, 2007), apesar de admitirem que a distância entre o sujeito e o verbo favoreça este tipo de marcação (Bechara, 2007; Cunha & Cintra, 2007; Castilho, 2010).

Verdade seja que os antigos a usaram muito mais largamente. Hoje se considera deselegante, escandaloso e risível dizer-se abertamente: o povo chegaram. Mas desde que haja algum distanciamento entre o sujeito e o predicado, que evite a deselegância, não faltam exemplos, ainda entre os clássicos modernos que autorizam tal desconcordância. (ADRIÃO, 1945, p. 252-3)

Partindo para dados do português popular ou falado em comunidades quilombolas, como a comunidade de Helvécia, na Bahia, por exemplo, esse tipo de marcação aparece na ordem de 80%, de acordo com dados de Lucchesi et al. (2009). Dos 30 dados que apresentaram sujeitos coletivos no estudo em questão, 24 apresentaram verbo no plural.

(13) A NOVA GERAÇÃO TÃO animado.

(LUCCHESI et al., 2009, p. 351)

Lucchesi et al. (2009, p. 352) apontam que esse tipo de concordância é um fenômeno semântico, pois nesses casos “o que vem primeiro à mente do falante é a ideia de plural, de mais de um indivíduo, portanto, a indicação do plural, nesses casos, é mais transparente”. Nesse sentido, para os autores, o que estaria agindo é a transparência semântica, pressuposto que vem da área de estudo das línguas crioulas, o qual advoga que as regras gramaticais mais rapidamente adquiridas, ou que mais se conservariam, seriam aquelas nas quais a relação entre a forma e o significado é mais direta.

<sup>2</sup> Outra multidão em leva assídua dirigiam-se à Tessália



Assim como Helvécia, outras comunidades interioranas da Bahia apresentam a concordância semântica com sujeitos coletivos:

(14) O POVO não QUEREM mais licor.

(SILVA, 2005, p. 351)

Silva (2005) observa que os falantes do português popular do interior da Bahia possuem a tendência de aplicar a concordância semântica<sup>3</sup>. Dos 24 dados, 21, ou seja, 70%, apresentam verbo no plural com sujeitos coletivos, no entanto, esse autor não credita essa concordância a algum tipo de continuidade do latim. Em sua visão, todos os casos de variação verbal evidenciados na fala das três comunidades estudadas por ele, a saber, Poções, Morrinhos e Cinzento, são frutos de uma “situação linguageira comum às situações de contato entre línguas”.

Em estudo comparativo sobre o PB e o português europeu (PE), Rubio (2012) detecta este fenômeno, no entanto, observa que os exemplos encontrados, devido ao baixo número, não constituem subsídios para investigação sociolinguística. Não obstante, “apontam para a ocorrência de mais um fenômeno variável tanto na variedade brasileira quanto na variedade europeia, nesse caso, ligado à concordância verbal de 3ª pessoa do singular (PS), que, como os já apresentados, carece de maior investigação” (p. 193).

Considerando que os estudos sobre a variação na marcação verbal com nomes coletivos são poucos e em alguns casos essa variação é apenas mencionada (SCHERRE & NARO, 1998; MATTOS E SILVA, 1991; LUCCHESI et al., 2009, entre outros), as análises sobre anáforas de nomes coletivos e, ainda, sobre os próprios nomes coletivos podem ajudar a entender esta variação na marcação verbal.

## Considerações teóricas

A semântica dos nomes coletivos e plurais já foi amplamente discutida na literatura (ver Link (1983) para a semântica de nomes plurais; Landman

---

<sup>3</sup> Quando a concordância é determinada pelo sentido (CORBETT, 2000).



(1989) para os nomes de grupos; Lasersohn (1987) para nomes coletivos, entre outros). Os nomes coletivos são semanticamente diferentes dos nomes plurais, embora, em algumas ocasiões, possam referir-se extensionalmente<sup>4</sup> aos mesmos indivíduos (GODOY, 2010, 2013; NEVES, 2014, entre outros). Isto fica claro no exemplo clássico a respeito dos comitês, de Landman (1989).

Tem-se, por exemplo, um comitê (A), o Comitê de Recepção a Novos Alunos (CRNA), formado pelos alunos Maria, Pedro e João. Caso o conjunto fosse a soma de seus membros, as sentenças (15) e (16), a seguir, deveriam ser igualmente verdadeiras, o que não é o caso.

(15) Maria, Pedro e João foram ao aeroporto recepcionar os novos alunos.

(16) O Comitê de Recepção aos Novos Alunos foi ao aeroporto recepcionar os novos alunos.

Nas sentenças (15) e (16), caso, por alguma razão, o Pedro não fosse ao aeroporto, a sentença (16) continuaria verdadeira, o que não seria o caso de (15). De outro modo, tomemos como exemplo a formação da seleção olímpica de vôlei do ano de 2016, cujas jogadoras foram Fabiana, Thaísa, Dani Lins, Natália, Fernanda Garay ... Sheilla. Mais uma vez, se o time fosse apenas a soma de seus indivíduos, a interpretação das sentenças (17) e (18) seria a mesma.

(17) Fabiana, Thaísa, Dani Lins, Natália, Fernanda Garay ... Sheilla jogaram muito bem nas Olimpíadas.

(18) A seleção brasileira de vôlei jogou muito bem nas Olimpíadas.

Contudo, caso haja algum problema e a Natália não possa jogar, por exemplo, a denotação de (18) continua a mesma, o que não ocorre com (17). Logo, como já dito anteriormente, o nome coletivo não é apenas a soma de seus indivíduos, embora possa carregar uma noção de pluralidade, o que poderia levar a concordância do verbo, e mesmo de algumas anáforas, para o plural.

<sup>4</sup> Uma teoria semântica extensional atribui a cada constituinte sintático uma extensão ou denotação. A extensão de um constituinte é (em geral) um objeto extra-linguístico.



A diferença entre os nomes plurais e coletivos seria então o fato de nomes coletivos referirem-se a grupos com indivíduos, reunidos no mesmo espaço-tempo, os quais, ao serem nomeados por um coletivo, perdem a propriedade individual e passam a ser considerados como uma coletividade indissociável, enquanto os plurais referem-se a um conjunto de indivíduos de maneira dissociável. Dito de outra forma, os nomes coletivos denotam uma entidade indissociável na medida em que os elementos que constituem esse nome são vistos a partir da coletividade que atribuem, não por suas características individuais (NEVES, 2014; GUIMARÃES, 2008).

Não seria possível considerar, por exemplo, como uma alcateia, um grupo de lobos localizados em diferentes pontos da floresta, nem tampouco seria possível considerar como uma manada um grupo de bois dispersos.

É evidente que se pode dizer que a alcateia ou a manada se dispersou, no entanto, os elementos que a compõem precisariam, a priori, estar juntos para serem considerados uma alcateia ou uma manada, para então ela ser dispersada. O inverso já não é possível, ou seja, os elementos separados serem considerados como uma coletividade.

Já o nome plural não tem a função de agrupar, mas sim de indicar que aquela categoria corresponde a mais de um elemento. Tome-se como exemplo a sentença (19):

(19) Joana sempre cuidou muito bem de seus cachorros.

O plural cachorros indica mais de um elemento, e não é entendido necessariamente como cachorros que ocupam o mesmo tempo e espaço — podem ser cachorros que Joana teve ao longo de sua vida em diferentes lugares nos quais ela tenha morado, por exemplo.

Os nomes coletivos teriam sempre a referência de conjunto / grupo / coleção de. A concordância com o sentido dos coletivos é chamada de *ad sensum* e as anáforas são chamadas de anáforas conceituais e indicam, como já foi exemplificado, uma discordância numérica entre o sujeito morfológico e o verbo ou anáfora. O que parece ser unânime entre os diferentes estudos é que a distância entre o sujeito coletivo e o verbo favorece a marcação do verbo no plural (MATTOS E SILVA, 1991; MAIA, 2011; BECHARA, 2007).



Bosque (1999), em Guimarães (2008), aponta que os coletivos são retomados em uma relação anafórica como um conjunto de elementos aos quais não se pode predicar isoladamente, ao contrário dos nomes plurais. Sobre as anáforas conceituais, alguns estudos concordam que não é um caso de "erro", mas que há equivalência semântica entre os termos, e que o fato de os nomes coletivos possuírem uma semântica plural faz com que a remissão com pronome plural seja possível (OLSEMANN, 2007; FARIAS et al., 2012; Godoy, 2010). E, ainda, as anáforas chamadas conceituais são fáceis para o falante interpretar e não geram nenhum prejuízo na compreensão nem para os falantes nativos do inglês (GERNSBACHER, 1986, 1991), tampouco para os falantes nativos do português brasileiro (SILVA, 2004).

As anáforas conceituais podem ocorrer em três situações comunicativas. Na primeira delas os pronomes plurais são utilizados para referir algo que possui mais de uma entidade (múltiplas) ou eventos que ocorrem repetidamente, como, por exemplo:

(20) Eu preciso de UM PRATO. Onde você OS guarda?

(21) Ontem foi MEU ANIVERSÁRIO. Eu costumava me incomodar com ELES, mas ontem não liguei.

(GERNSBACHER, 1991, p. 85: traduzido)

Em (20) pressupõe-se que, nas casas em geral, haja mais de um prato, seria diferente caso o falante quisesse um ferro de passar roupa ou um rodo, por exemplo, dos quais, em geral, há apenas um. Em (21) há um evento que ocorre repetidas vezes, aniversário, logo, é possível retomá-lo com um pronome plural; diferente seria se se tivesse referindo ao aniversário de trinta anos, por exemplo, que só se comemora uma vez.

Na segunda situação comunicativa os pronomes plurais referem-se a nomes genéricos:

(22) Minha mãe sempre me incomoda para usar UM VESTIDO. Ela acha que fico bem NELES, mas eu não acho.

(23) Eu adoro ter UM ANIMAL DE ESTIMAÇÃO. ELES são excelentes companhias.

(GERNSBACHER, 1991, p. 85: traduzido)



Tanto em (22) quanto em (23) há uma referência a nomes genéricos. Em (22) a mãe acha que a filha fica bem em vestidos, no geral, e em (23) diz que os animais de estimação, no geral, são excelentes companhias.

Na terceira situação comunicativa, que é a que se relaciona diretamente ao tema abordado neste artigo, os pronomes plurais retomam nomes coletivos.

(24) A professora substituta pediu para A CLASSE parar com o mau comportamento. Mas ELES não prestaram atenção nela.

(GERNSBACHER, 1991, p. 85: traduzido)

Além disso, coletivos menos tradicionais também podem ser retomados por pronomes plurais:

(25) Depois do colégio, minha irmã foi trabalhar na IBM. ELES fizeram uma boa proposta a ela.

(26) Você não imagina o quanto é ruim trabalhar para A PREFEITURA. ELES nunca dizem se seu trabalho será coberto pelo orçamento do mês seguinte.

(GERNSBACHER, 1991, p. 85: traduzido)

Em suma, o que os trabalhos sobre a semântica dos nomes coletivos e sobre as anáforas conceituais revelam é que a possibilidade de retomar nomes coletivos com pronomes plurais ou ainda de o verbo concordar no plural não é marginal na língua, nem possui dificuldade de compreensão para os falantes, ou tampouco é uma característica idiossincrática de alguma comunidade isolada. E, desta feita, não deveria mais ser considerada como um desvio de norma, tal como em algumas gramáticas, ou ainda de hipercorreção, ou pronomes ilegais (nos termos de Gernsbacher, 1991).

## **Sujeitos coletivos nas comunidades alcantarenses**

Como evidenciado acima, na língua há a possibilidade de verbos plurais concordarem com nomes coletivos e, ainda, estes serem retomados anaforicamente por pronomes plurais.

O fenômeno de concordância verbal plural com sujeito coletivo singular ocorre nos dados das comunidades de Mamuna (MMN) e Itamatatua (ITM),



como podemos observar nos exemplos (27) e (28), a seguir. Dos 88 dados com sujeitos coletivos, 35 (40%) possuem verbos no plural ou são retomados por pronomes anafóricos plurais.

(27) Belém né...banhamo no rio...tem um ri/ né...o rio é muito bom...ê...é bom demais...O PESSOAL GOSTARO demais — ACJ/ITM

(28) ...e além do mais eles não querem mostrar o que tá lá estragado...e os malofícios que eles provocaro com tudo isso...com isso eles tiraro parte do palmeiral que a comunidade aqui se usufruía que era da comunidade Peru Velho que foi relocada pra uma agrovila...e...O PESSOAL...USAVAM muito essa questão lá do...da madeira...nada pode ser retirado de lá — MGS/MMN

O que é interessante dos dados (27) e (28) é que o sujeito não está distante do verbo, o que seria um fator inibidor deste tipo de concordância (Mattos e Silva, 1991; Maia, 2011; Bechara, 2007).

Bechara (2007) observa ainda que, para esse tipo de concordância, que ele chama de concordância de palavra para sentido, a língua impõe apenas condição de estética, pois “construções como o povo trabalham e a gente vamos soam geralmente desagradável aos ouvidos” — grifo nosso. Vale observar, porém, que a fala não segue às regras prescritas pelas gramáticas normativas e que, em termos linguísticos, não há qualquer valoração nas diferentes formas usadas pelos falantes e, dificilmente, as regras linguísticas são regidas por questões estéticas.

Os dados em que o sujeito e o verbo estão distantes e este último concorda no plural são poucos; o que ocorre é o primeiro verbo permanecer no singular e o segundo verbo concordar no plural (29):

(29) O POVO parece que...PAROU...PAROU no bom sentido né...é...PAROU no bom sentido...parece que num...num QUEREM muito assim o negócio do do do...do serviço e tal — JB/ITM

Quando o sujeito e o verbo estão distantes, o que ocorre algumas vezes é a retomada por um pronome plural (30), embora essa retomada também ocorra sem o sujeito e o verbo estarem distantes (31), (32) e (33):



(30) agora vem OS PESSOAL do São Luís...faz a festa é vão pa praia...praia ELES GOSTO muito e todo domingo vem — CMDS/MMN

(31) aí O PESSOAL assim ELES num PARO assim pa pensar 'mbora se ajuntar fazer uma olaria — ACJ/ITM

(32) ESSA TURMA NOVO eu num sei o que ELES QUERE — ACJ/ITM

(33) e aqui...vei UM PESSOAL de Barreirinha e aí muito trabalhador...ES SE MATARO por causa de serviço ES SE MATARO...mas foi uma cena que nós nunca oiamo — CD/MMN

Nomes coletivos que representam órgãos públicos ou governo também apresentam a concordância chamada de *ad sensum*, nesses casos a distância entre o sujeito e o verbo é um fator relevante. A proximidade entre o sujeito coletivo e o verbo inibiria a concordância *ad sensum* (cf. (35) e (36)) ao passo que a distância entre o sujeito e o verbo favoreceria a ocorrência deste no plural (34):

(34) e O GOVERNO tá ajudando demais...isso aí...isso aí eu não falo DO GOVERNO...eu não falo de...presidente eu não falo de nada...TÃO fazendo o máximo possível...TÃO ajudando...só não estuda quem não quer — RJ/ITM

(35) se ELE se O GOVERNO PRESIDENTE BOTASSE essas coisa pra cá pra gente a gente fica contente...e (xxx) um posto de saúde e se ele fizer (essa) estrada pra gente a gente fica contente...com o governo — RJ/ITM

(36) o dante...chegava O...PESSOAL DA BASE CHEGAVA (arras- tando) nós tava de...se recolhia e ficava de...só...hehein...com medo tá vendo — CD/MMN

Outra diferença em relação a este tipo de sujeito é a ocorrência mais frequente de anáfora pronominal plural, exemplificada pelos dados em (37) e (38):

(37) e o GOVERNO FEDERAL manda a gente pra...ele...levar na transportadora as peça...e aí ELES MARCO a viagem pra gente ir — NJ/ITM

(38) A AERONÁUTICA...tinha alugado aqui a...uma parte da...das terra aqui do Centro de Lançamento...ELES não ALUGARO o Centro de Lançamento ELES QUERIO dar uma parte das terra de Alcântara...pra fazer uma base de Lançamento pra Ucrânia — MGS/MMN



A questão de anáforas plurais retomando sujeitos coletivos não será aprofundada neste momento por não ser o objetivo deste artigo. É possível encontrar mais detalhes sobre essa questão nos trabalhos já citados de Gernsbacher (1986, 1991), Silva (2004), Olsemann (2007), Mattos (2010), Godoy (2010, 2013), Farias et al. (2012), entre outros.

De fato, nos dados das comunidades, observa-se que, distintamente dos estudos sobre o tema, a concordância plural do verbo com termos coletivos dá-se, na grande maioria, com o sujeito anteposto e adjacente ao verbo, exceto quando o sujeito refere-se a entidades governamentais.

(39) o aluno da professora M. que da universidade...da UFMA...então ele disse assim “M. o pro/ o doutor A. ...ele vai sair...O PESSOAL VÃO sair o advogado vão sair ninguém ainda num falou nada porque eles”...as pessoas elas tinha medo de falar...entendeu...“e ninguém falou nada e...e...aí a tua conver/ a tua vez é agora” — MJLP/MMN

(40) porque o governo bota dinheiro...agora o o prefeito é que num num coisa... e ele não passou...esse S. ...acho que era W. Né...não fez nada...O POVO SE ENGANARO com ele...umum — MAJ/ITM

(41) mas de primeiro não tinha assim...tinha só aquele radinho que a gente escutava [...] hoje em dia todo final de semana tem domingueira tem essas coisa assim...e aí...mudou muito né...O POVO FICARO assim mais agitado...e de primeiro era tudo mais calmo — ACJ/ITM

(42) ...e lá Baracatatiua eles conseguiram outras pessoas que depois trabalharam várias pessoas lá depois de mim...e hoje a comunidade está praticamente...desabitada né...pouca gente...O PESSOAL FORO tudo embora — MGS/MMN

Atesta-se, ainda, em Itamatatiua, adicionalmente, a ocorrência de determinante no plural, antes dos nomes coletivos, conforme dados (43) e (44):

(43) tinha uma casinha ali perto da igreja [...] aí as pessoa ensinavo lá também...aí quando não era isso era aquele MOBREAL...que fazia OS PESSOAL SE AJUNTAVO eles mesmo fazia (de barro)...aí também OS PESSOAL ESTUDAVO assim...não era aquele estudo como tem agora né — ENJ/ITM

(44) eles compra mas...hehein [...] a louça ficou mais um pouco devagar . . . estes dias chegou UNS PESSOAL...COMPRARO umas peça bacana mesmo também eles...e...agora que tem as férias?...aí eles tão vindo — MAJ/ITM



No português falado em Moçambique também há a ocorrência de verbos no plural com sujeitos coletivos singulares, conforme a sequência de dados de (45) a (50):

(45) Não sei se há uma ORGANIZAÇÃO qualquer deles que POSSAM fazer valer a sua voz ... (GONÇALVES & STROUD, 1998: 100)

(46) A POLÍCIA estava a dez metros do local, mas simplesmente LIMITARAM-SE a dizer (ANTÓNIO, 2011: 31)

(47) MUITA GENTE CHUMBAM

(48) Eu vi tanta GENTE ALMOÇAREM lá JANTAREM lá

(49) Esta GENTE APROVEITAM o máximo agora

(50) Esta GENTE que ESTÁ cá também ESTÃO ricos

(51) A GENTE PASSÁVAMOS refeições (GONÇALVES & STROUD, 1998, p. 126)

Interessante notar que grande parte dos dados — aos quais tivemos acesso — em que o verbo recebe a marcação de plural com sujeitos coletivos singulares ocorre quando da presença do nome *gente*, independente se este refere-se à primeira do plural (51) ou ao nome coletivo. Em (50) é possível perceber que o primeiro verbo encontra-se no singular e o segundo recebe a marcação de plural, evidenciando a variação na concordância verbal (CV).

No português de Angola (PA) também ocorre a marcação de plural no verbo com sujeitos coletivos singulares. Pelos dados aos quais tivemos acesso, das duas variedades, é possível observar que, de modo distinto ao português de Moçambique (PM), essa marcação é mais ampla no PA, com uma variedade maior de tipos de sujeitos coletivos, não restrita apenas ao nome *gente*. O verbo é marcado no plural com sujeitos coletivos singulares que indicam um conjunto de pessoas (52) e (53), semelhante às marcações das comunidades alcantarenses que, em sua grande maioria, marcam o verbo no plural com nomes coletivos singulares do tipo o pessoal, o povo.

(52) é a mudança que eu quero [...] porque O POVO ANGOLANO ANDAM a sofrer muito [...] (ADRIANO, 2014, p. 273)



(53) só peço que A POPULAÇÃO SEJAM mais compreensível e ACEITAM daquilo que está acontecer (ADRIANO, 2014, p. 357)

Esse tipo de marcação parece ser mais amplo no português falado em Angola do que no português falado em Moçambique, e também nos dados das comunidades quilombolas de Mamuna e Itamatatiua, como é possível ver nos dados de (54) a (57), em que o verbo é marcado no plural com o sujeito coletivo singular *grupo*, mesmo quando este sujeito apresenta um determinante singular (cf. (54), (55) e (56)):

169

(54) depois UM GRUPO de militantes e simpatizantes do Partido liderado pelo seu secretário provincial FORAM ao Comando Provincial da Polícia Nacional onde PROTAGONIZARAM cenas de agressão física a agentes da ordem incluindo a uma oficial superior que viu também sua farda rasgada

(55) tenho provas de UMA FROTA que ESTÁ aqui permanente desde os anos oitenta ESSA FROTA ESTÃO aqui numa média de onze embarcações. (ADRIANO, 2014, p. 279)

(56) ESTE GRUPO de jovens educadores comunitários PREPARAM-SE para fazer um giro comunitário pelos bairros vão levar mensagens de civismo. (ADRIANO, 2014, p. 357)

(57) TEM GRUPO de miúdos aqui que DORMEM aqui nesse. (INVERNO, 2011, anexo)

Em (55) a variação torna-se ainda mais visível, na medida em que o primeiro verbo ocorre no singular (*uma frota que está*) e o segundo ocorre no plural (*essa frota estão*).

Diferentemente do que se poderia esperar, a presença do quantificador *todo* ao lado dos sujeitos coletivos singulares não inibe a marcação de plural no verbos, como nos exemplos (58) e (59) a seguir:

(58) eu aconselho A TODA JUVENTUDE que VOTEM (ADRIANO, 2014, p. 273)

(59) Por isso é que A MALTA TODA lá da parte destas zonas TINHAM medo que o Savimbe aparecesse porque senão cortava-lhes a cabeça porque ele foi sempre contra (CHAVAGNE, 2005, anexo, p. 101)



Para português falado em Cabo Verde, igualmente, é possível observar a ocorrência de verbos no plural com sujeitos coletivos singulares, conforme exemplo em (60):

(60) há GENTE...deixa fugir um pouco do assunto – há GENTE que USA o facto de existirem variantes para COMBATEREM a oficialização – a escrita – ou o desenvolvimento do crioulo – porque infelizmente há gente em Cabo Verde – e GENTE que CONSTITUI...que ASSUMEM posições ou atitudes de intelectuais – que ESTÃO contra o crioulo – infelizmente – GENTE que DEVERIAM estar na luta para a afirmação da nação caboverdiana – para a sobrevivência da nação caboverdiana no mundo – acho que estão mais preocupados com a sobrevivência da nação portuguesa – não é? (LOPES, 2011, p. 483)

De volta aos dados das comunidades quilombolas, para os sujeitos que não são adjacentes ao verbo, a distância entre eles também não é muito grande, como é possível notar em (61):

(61) tinha uma comunidade na beira da baixa...né...chamada Santa Rita...e lá morava A FAMÍLIA dos Anjos né...QUE MORAVAM lá...e eles...era só uma família mesmo — MGS/MMN

Sujeitos com relativas parecem não impedir que verbos ocorram no plural com nomes coletivos singulares (cf. (62) a (64)):

(62) ainda tem aquela casinha lá do...Tele Centro que tem a escolinha agora do...Tele Centro isso tudo foi através de...a casinha foi A COMUNIDADE mesmo que...que conseguiu fazer QUE GANHARO o Tele Centro né mas num tinha [...] a casa aí a gente mesmo...que se uniu e fizemos — ENJ/ITM

(63) chegou aqui...quis me comprar [...] ah botou dinheiro que eu nunca peguei na vida...é... botou dinheiro que eu nunca peguei na vida...já olhei...chegou aqui ó...“eu vou dar trinta mil pacada...cada (fosseiro) desse aí...pa você acalmar ESSE PESSOAL QUE TÃO brabo e você... eu vou le dá cento e vinte pra você” — CD/MMN

(64) e então nós ia pra lá fazer o quê?...pra lá pessoas agrovila fazer o quê? certo os que tão lá ainda não...já morrero muito mas não de fome né porque eles também...muitos se vale daqui...da nossa praia [...] nós nunca proibimos... porque todo mundo tem fome né...e um é ESSE PESSOAL que SAÍRO ali... Peru Caramajós...es pesco mais é aqui...é na praia aqui — MFF/MMN



Por fim, esse tipo de concordância também é possível com termos genéricos:

(65) ... A MULHER parece que...se ORGANIZO mais as coisa eu — NJ/ITM

Apesar de os estudos sobre o tema apontarem a possibilidade de concordância de verbos no plural com nomes coletivos singulares, os dados de Mamuna e Itamatatua diferem dos demais estudos no tocante aos fatores que favorecem esse tipo de concordância.

O que parece ser uma unanimidade entre os estudos, que a distância entre o sujeito e o verbo favorece a marcação deste no plural ao passo que a proximidade inibe, não se mostrou verdadeiro no caso dessas comunidades quilombolas nem para as variedades africanas do português. Pelo contrário, na grande maioria dos dados que apresentaram a marcação verbal plural, o sujeito estava adjacente ao verbo, o que mostraria uma singularidade deste tipo de marcação nas comunidades ora estudadas e, ainda, que a restrição da língua mencionada por Bechara (2007) não se aplica, pelo menos aos dados dessas comunidades.

### **Considerações**

Neste artigo foi explorada brevemente a ocorrência de verbos plurais com sujeitos coletivos singulares. Embora esta marcação não represente a maioria das marcações do plural nem nas comunidades alcantarenses nem no português de Angola, tampouco no português de Moçambique, sua ocorrência é significativa, pois, ao considerarmos que o número verbal ocorre em todos os troncos das línguas africanas, especialmente no oeste desse continente, é possível afirmar que, assim como a marcação de plural no verbo com sujeitos singulares evidenciou, a morfologia verbal de plural é importante nessas comunidades.

É possível observar que esses sujeitos coletivos estão sendo interpretados como plurais e a distância entre eles e o verbo não seria mais inibidora da marcação de plural no verbo.

De acordo com diferentes estudiosos do tema, verbos plurais com nomes coletivos singulares só poderiam ocorrer caso o sujeito estivesse distante do verbo; mas não é o que foi observado nos dados das comunidades alcantarenses, nem nos dados do PA e do PM.

## Referências

- ADRIÃO, P. (1945). **Tradições clássicas da língua portuguesa**. Porto Alegre. Edição de 2010.
- ADRIANO, P. S. (2014). **Tratamento morfossintático de expressões e estruturas frásicas do português em Angola**: divergências em relação à norma europeia. Tese de doutorado, Universidade de Évora.
- ALMEIDA, A. W. B. d. (2006). **Os quilombolas e a Base de lançamento de foguetes de Alcântara**: laudo antropológico, Volume 1. Brasília: MMA.
- ALMEIDA, A. W. B. d. (2006a). **Os quilombolas e a base de lançamento de foguetes de Alcântara**: laudo antropológico, Volume 2. Brasília: MMA.
- ALMEIDA, A. P. d. (2006b). **A concordância verbal na comunidade de São Miguel dos Pretos, Restinga Seca, RS**. Dissertação de mestrado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- ANTÓNIO, T. (2011). **Estratégias de ensino da concordância verbal em número à população universitária moçambicana**. Dissertação de mestrado, Faculdade de Letras e Ciências Sociais da Unviersidade Eduardo Mondlane.
- BECHARA, E. (2007). **Moderna Gramática Portuguesa** (38 ed.). Rio de Janeiro: Editora Lucerna.
- BOSQUE, I. (1999). **Gramática descriptiva de la lengua española**: Sintaxis básica de las clases de palabras, capítulo El nombre común, pp. 3–73. Barcelona: Real Academia Española.
- BOURCIEZ, E. (1956). **Éléments de linguistique romane**. Paris: Klincksieck.
- CASTILHO, A. T. d. (2010). **Gramática do Português Brasileiro**. São Paulo: Editora Contexto.
- CESTARI, G. A. d. V., L. B. Caracas, & D. M. Santos (2014). **Artesanato tradicional, design e sustentabilidade**: com a palavra quem produz cerâmica em Itamatatua. *Strategic Design Research Journal* 2, 84—94.
- CHAVAGNE, J.-P. (2005). **La langue portugaise d'Angola. Etudes des écarts par rapport à la norme européenne du portugais**. Tese de doutorado, Université de Lyon 2.



- CORBETT, G. G. (2000). **Number**. Cambridge: Cambridge University Press.
- CUNHA, C. & L. F. L. Cintra (2007). **Nova Gramática do Português Brasileiro** (4 ed.). Rio de Janeiro: Lexicon Editora Digital.
- FARIAS, S. C. d., M. M. LEITÃO, & J. FERRARI-NETO (2012). **Gênero e número no processamento da anáfora conceitual com nomes coletivos em português brasileiro**. *ReVEL* 1(6), 82–109.
- GERNSBACHER, M. A. (1986). Comprehension of conceitual anaphora in discourse. In: **Proceedings of the Cognitive Science Society**. Gernsbacher, M. A. (1991). Comprehending conceptual anaphors. *Language and Cognitive Processes* 2, 81–105.
- GODOY, M. C. (2010). **Resolvendo a anáfora conceitual: um olhar para além da relação antecedente / anafórico**. Dissertação de mestrado, Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas.
- GONÇALVES, P. & C. Stroud (Eds.) (1998). **Panorama do português oral de Maputo: Estruturas Gramaticais do Português: problemas e aplicações**, Volume III. Maputo: Imprensa Universitária.
- GUIMARÃES, A. C. C. (2008). **Caracterização dos nomes coletivos em português - aspectos estruturais**. Dissertação de mestrado, Universidade Federal de Uberlândia.
- INVERNO, L. (2011). Contact-induced restructuring or Portuguese morphosyntax in interior Angola: Evidence from Dundo (Lunda Norte). Tese de doutorado, Universidade de Coimbra.
- LANDMAN, F. (1989). **Groups i; groups ii**. *Linguistics and Philosophy* 12(5), 559–605; 723–744.
- LASERSOHN, P. (1987). Papers from the 23rd Regional Meetings of the Chicago Linguistic Society, capítulo: **Collective Nouns and Distributive Determiners**, pp. 214–229. Chicago: Chicago Linguistic Society.
- LINK, G. (1983). *Meaning, Use and Interpretation of Language*, capítulo: **The Logical Analysis of Plurals and Mass Terms: A Lattice-theoretical Approach**, pp. 127–146. Berlin: de Gruyter.
- LOPES, A. M. V.-C. d. M. (2011). **As línguas de Cabo Verde: uma radiografia sociolinguística**. Tese de doutorado, Universidade de Lisboa.
- LUCCHESI, D., A. BAXTER, & J. A. A. d. SILVa (2009). O Português afro-brasileiro, capítulo: **A concordância verbal**, pp. 331 – 372. Salvador: EDUFBA.
- MAIA, J. P. F. (2011). **Variação na concordância verbal com nomes coletivos em Fortaleza - CE**. Dissertação de mestrado, Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades.



MATTOS, S. E. R. (2010). Pluralização com sujeito de tipo coletivo singular. **Revista Linguística** 6, 73–85

MATTOS E SILVA, R. V. (1991). Caminhos de mudanças sintático-semânticas no português arcaico. **Cadernos de Estudos Linguísticos** (UNICAMP) 1(1), 59–74.

MONGUILHOTT, I. d. O. e. S. (2009). Estudo sincrônico e diacrônico da concordância verbal de terceira pessoa do plural no PB e no PE. Tese de doutorado, Universidade Federal de Santa Catarina.

NEVES, D. B. A. (2014). **Uma perspectiva comparada entre nomes coletivos e plurais do PB**. Monografia de final de curso, Universidade de Brasília.

OLSEMANN, A. (2007). **A ambiguidade semântica do coletivo em processos de referência**. Dissertação de mestrado, Universidade Federal do Paraná.

PEREIRA, C. C. M. (2011). **Mitos da cultura africana: elementos de informação e preservação da memória na comunidade quilombola alcantareense de itamatatua**. Dissertação de mestrado, Universidade Federal da Paraíba.

PEREIRA JÚNIOR, D. (2012). **Territorialidades e identidades coletivas: uma etnografia de terra de santa na baixada maranhense**. Dissertação de mestrado, Universidade Federal da Bahia.

RUBIO, C. F. (2012). **Padrões de concordância verbal e alternância pronominal no português brasileiro e no português europeu: estudo sociolinguístico comparativo**. São Paulo: Cultura Acadêmica.

SILVA, A. d. (2004). **A leitura e a compreensão da anáfora conceitual**. Tese de doutorado, Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas.

SILVA, J. A. A. d. (2005). **A concordância verbal de terceira pessoa do plural no português popular do Brasil: um panorama sociolinguístico de três comunidades do interior do Estado da Bahia**. Tese de doutorado, Universidade Federal da Bahia, Instituto de Letras.

VOGT, C. & Fry, P. (1996). Cafundó: A África no Brasil: **Linguagens e sociedade**. Campinas, SP: Editora da Unicamp.

### **Wania Miranda**

wania@unilab.edu.br

Professora Adjunta na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB) - Campus dos Malês. Doutora em Linguística pela Universidade de São Paulo (2017). Possui graduação em Letras - Português / Linguística pela Universidade de São Paulo (2010) e mestrado em Linguística



pela mesma universidade (2013). Tem experiência na área de Linguística, com ênfase em Teoria e Análise Linguística e Contato de Línguas, atuando principalmente nos seguintes temas: sintagma nominal, sintagma verbal, sintaxe, semântica, pragmática, caboverdiano, português brasileiro e comunidades quilombolas.

175

Recebido em: 23/09/2018

Aprovado em: 09/11/2018

